

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2\$500	Trimestre ou 6 numeros \$650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago a entrega \$120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS		
Anno ou 24 numeros	3\$000	Semestre ou 12 numeros 1\$500

1.º ANNO—VOLUME I—N.º 22

15 DE NOVEMBRO 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.
É correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



ADELAIDE RISTORI, NO DRAMA IZABEL DE INGLATERRA

Segundo uma photographia de Houseworth

RISTORI

Basta olhar para ella: é uma excepção. É na escala morphologica — assim como Newton, Shakspeare, Beethoven ou Balzac na escala intellectual — um caso anomalo de *differenciação progressiva*. O typo generico da mulher moderna não é o d'ella. Comparem-a com as demais atrizes contemporaneas. As outras são debeis e frageis. Não podem nem com a forte espiritualisação nem com a forte animalidade.

Sarah Bernhardt, por exemplo, a mais poderosa organisação psychologica do theatro moderno, cae por vezes na scena, desmaiada, em resultado de desequilibrios nervosos.

Croisette não resiste ás consequencias de uma alimentação abundante, e o seu talento tende a submergir-se na onda ameaçadora das suas carnes, represadas pelo costureiro Worth ou pelo costureiro Felix em espartilhos tão engenhosos como os diques da Hollanda.

As celebridades minúsculas da *opérette* ou do *vaudeville*, tonificadas a pilulas arsenicaes e a ferro Bravais, vergastadas em cada manhã ao longo da espinha por esguichos hydrotherapicos, sobreexcitadas a lagosta e a cerejas de conserva em agnardeite, são lindas bonecas d'um pittoresco de fancia: saia arrepanhada para traz cingindo a coxa como uma luva, botina arqueada, guedelha em lesma sobre a testa, e olhos de boi bestificados a carvão deante do espelho. Ellas são o typo consagrado da illuminura de cartonagem para pastilhas abaunilhadas ou para lenços baratos de cambraietta de algodão.

Ristori pertence a um mundo que não é esse; pertence ao mundo ideal, ao mundo abstracto, ao mundo mythologico.

De estatura mais elevada que a media da altura do homem, com o perfil austero de uma matrona romana, os olhos garços de uma scintillação magnetica, a voz cheia, vibrante, dominativa, a mão nervosa, o pé estreito e longo dos marmores classicos, o passo largo, viril e magestatico da Diana antiga, — Ristori é extremamente superior para ser verosimil. Se ella fizesse papeis de mulher, da mulher que nós conhecemos do Chiado, da missa do Loreto, da confeitaria do Baltresqui, da rocha de Setiaes e das *soirées* do Club, não hesito em acreditar que a senhora Maria das Dóres, a senhora Josepha de Oliveira ou a senhora Carolina Pereira iriam melhor.

Mas é preciso distinguir para dar a Ristori o logar que lhe compete na historia da arte.

Ristori não representa physionomias individuaes; representa expressões e sentimentos humanos. Não é fulana nem cicrana; não é esta nem aquella. É o amor, é o odio, é o ciúme, é a colera, é o frenesi, é a dôr, é a desgraça.

Para cada uma das violentas crises da nossa alma ella sabe achar a nota mysteriosa em que se encarna a commoção para se converter em imagem palpavel e viva.

Benigna e amante, tem a suprema doçura ineffavel dos grandes lagos dormentes e dos luars saudosos e profundos. Irada e hostil, cerca-lhe a fronte uma auréola tenebrosa, os olhos inflamam-se-lhe de um ardor felino, a sua voz sibila e troveja como a tempestade, e ella parece caminhar, respirando sangue, inclemente e fatal, n'uma atmospheria de morte.

A tragedia, de que Ristori se fez a interprete, desapareceu porém d'entre as curiosidades e d'entre os interesses do espirito n'este momento do nosso seculo. E ella, a grande sacerdotisa inspirada, tem aos nossos olhos o aspecto, um pouco morto e marmoreo, da bella estatua que desce de sobre o tumulo de uma arte extincta, para assistir, conviviva monumental e phantastico, á ceia realista, para a qual Jablochhoff acaba de accender o lustre.

RAMALHO ORTIÇÃO.

OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

X

Ahi ficam traçados os lineamentos principaes das duas figuras, que estudamos. Se debaixo da nossa penna inexperiente é vago e ondeante o perfil de Bettina, ou se é acanhado o vulto de Goethe, lembrem-se os leitores que um tem a grandeza que assombra, outro a graça imponderavel que se não reproduz e se não fixa.

Que a imaginação dos que folhearem estas paginas preencha as lacunas que deixamos, e complete a imperfeição das imagens que tentamos bosquejar. Depois vendo-o a um em frente do outro, elle na sua magestade exagerada pelos annos, ella na sua ligeireza ideal de sylpho e de borboleta, que diga se o amor é possivel entre os dois.

O bom senso responde despidosamente que não, mas o bom senso só sabe julgar sob o seu ponto de vista, justo embora, mas d'uma justiça acanhada e vulgar.

De mais, deve observar-se que no espirito da nossa geração a palavra *amor* está cruelmente desacreditada.

As mulheres honestas fogem d'ella como de alguma cousa em que o demonio imprimiu a guerra phosphorescente, e quando no coração d'ellas desabrocha essa ideal flôr azul estrellada pelos orvalhos da aurora, dão-lhe um outro qualquer nome, que não traga tanto á idéa as manhas e seduccões de Satanaz.

De feito o sentimento casto e profundo com que as mulheres hoje se

prendem ao homem a quem têm de acompanhar na vida moderna, através das privações e dos trabalhos, na doença ou na alegria, na prosperidade ou na miseria, a quem hão de ajudar, consolar, e guiar mesmo ás vezes nos desfiladeiros tortuosos de honra social, esse sentimento nada tem com o outro, a que desde muito davam o nome de amor, planta de luxo que só medra na estufa dos opulentos, graça facticia que só se desenvolve nos languores da ociosidade, entre as finuras e subtilzas da vida aristocratica.

As sociedades não transformam impunemente o seu viver, nem deslocam, sem que isso produza resultados profundos e visiveis, o que foi durante seculos o seu ideal.

Depois o amor é de todos os sentimentos humanos aquelle que mais modificações tem soffrido, aquelle que tem corrido mais aventuras, que tem andado em maiores baldões. Pôde dizer-se que em cada uma das suas crises definitivas a humanidade o tem visto sob um diverso aspecto.

A antiguidade quasi que o não conheceu; e apesar de ser o mysticismo que o revellou á alma christã, os ascetas da primitiva egreja condemnaram-no como á originaria culpa que nos expulsou do Eden.

No cavalleiroso periodo gothico apparece-nos ethereo, requintado, impalpavel, confundindo-se com a adoração da Divindade. É um sacrificio e um despendimento, em vez de ser uma expansão e uma força, mas partem d'elle no fim de contas os unicos raios de luz que doiram o cháos da idade media.

Na renascença quando a materia tantos seculos opprimida e ultrajada pela idéa catholica solta o seu longo brado de triumpho, e que as paixões algemadas no robusto animal humano, irrompem por toda a parte n'uma subita explosão de revolta; quando todas as forças vivas da natureza se arrojam com impeto indomavel á conquista dos seus direitos, o amor é mais uma expansão sensual, mais um retrocesso.

D. MARIA ANALIA VAZ DE CARVALHO.

CAETANO A. D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE

O OCCIDENTE publicando o retrato do actual governador dos Estados da India portugueza, que se acha de caminho para Goa, onde vae tomar posse do seu governo, tributa a devida homenagem á intelligencia e probidade de um homem que tem prestado a Portugal o serviço que mais devia ser apreciado n'um paiz nas condições do nosso: — o aperfeiçoamento das colonias.

Mas um paiz que desperdiça as suas forças nas luctas estereis da politica de nomes, defensora não de principios, mas de interesses pessoais, não tem vagar, nem talvez auctoridade moral para educar os povos e attender aos interesses que distam milhares de leguas do centro da sua rachitica actividade. É esta a razão por que merecem o nosso respeito os homens a cujos esforços individuaes se deve o pouco que existe de progresso e de civilisação nas nossas colonias, restos miserandos de passadas grandezas.

Caetano Alexandre d'Almeida e Albuquerque, filho de Bento d'Almeida e Albuquerque e de D. Anna Justina de Moura Furtado, começou em 1835, com 11 annos de idade, a sua carreira publica, como aspirante a guarda-marinha, e concluiu com distincção o curso da escola Polytechnica em 1839 e em 1840 o da escola naval.

Desde este ultimo anno em que foi promovido ao posto de guarda-marinha, até hoje, em que no posto de contra-almirante supranumerario, posto que occupa ha anno e meio, vae, transferido do governo de Angola, para o governo da India, a sua vida tem paginas gloriosas.

O curto espaço de que dispomos não nos permite o desenvolvimento que desejavamos dar a esta noticia biographica; por isso apenas podemos deixar referidos os serviços importantes prestados por este distincto official no primeiro periodo da sua vida publica.

Assim encontramos-o de 1841 a 1843, no posto de guarda-marinha, cruzando nas costas do Algarve, e fazendo parte da estação naval da Africa Occidental, cujos serviços no impedimento do trafico da escravatura são de todos assaz conhecidos; tem-o de 1846 a 1848 como official do brigue *Douro*, concorrendo com os seus serviços, pelos quaes foi condecorado, nas luctas que n'essa epoca agitaram o paiz; e encontramos-o em diferentes epocas em Inglaterra para a aquisição de navios de guerra, e salva-vidas, para a construcção de vapores, montagem de machinas e outros serviços importantes á marinha portugueza.

Não nos podemos porém demorar na apreciação d'estes serviços, por isso passamos a tractar d'aquelles que na nossa opinião mais honram o nome do sr. Caetano d'Almeida e Albuquerque, serviços estes prestados durante os seus gloriosos governos em Cabo Verde e Angola.

Quando em 1869 tomou posse do governo de Cabo Verde era bem pouco lisongeiro o estado em que se achavam n'aquella provincia os diversos ramos de serviço publico. Pelos documentos que temos á vista e que nos vieram dar a razão dos credits adquiridos pelo governo do sr. Albuquerque, vemos que as obras publicas, a instrucção, a organisação das diversas repartições do estado, a hygiene, a navegação, o commercio, a agricultura tomaram um incremento prodigioso.

No fim de sete annos a provincia de Cabo Verde podia rivalisar com as mais bem organisadas possessões das nações colonisadoras, tanto nos melhoramentos introduzidos na alta administração, como nos aperfeiçoamentos materiaes.

Se em Portugal houvesse o conhecimento preciso das necessidades das suas colonias teríamos aproveitado melhor estes progressos a fim de levantar cada vez mais aquella possessão, desmentindo d'este modo, uma vez pelo menos, a triste opinião que todos formam das nossas qualidades administrativas.

Em Angola no curto periodo de dois annos era materialmente impossivel realisar eguaes melhoramentos; mas apesar d'isso o governo do contra-almirante Albuquerque deixou provas indeleveis da sua passagem, e a memoria de uma energia de caracter e uma força de vontade pouco vulgares.

Tendo de combater a cada momento os elementos da mais faciosa opposição (qualidade esta muito caracteristica, que as colonias herdaram da metropole) o illustre governador teve mais do que nunca occasião de provar a rija tempera das suas qualidades de funcionario publico.

As mesmas difficuldades com que teve de lutar, os mesmos elementos que teve de combater em Angola, vae o illustre governador encontrar na India, com algumas aggravantes; mas temos a convicção de que o seu energico caracter ha de ser superior a todas as mesquinhas luctas, com que, filhos e enteados, procuram desprestigiar de todo um tão glorioso paiz, hoje monumento vetusto e carcomido, a reclamar urgente reconstrucção.

Tenha o novo chefe do estado da India actos de energia, como os que distinguiram os seus governos em Cabo Verde e Angola, e o futuro lhe fará a devida justiça.

A posteridade é sempre recta nos seus juizos, não regateando nunca os applausos merecidos.

C. AYRES.



CAETANO ALEXANDRE D'ALMEIDA E ALBUQUERQUE — Novo Governador da India Portuguesa
(Segundo uma photographia de M. Fritz)

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA AUSTRIA-HUNGRIA NA RUA DAS NAÇÕES
(Segundo uma photographia)

AS NOSSAS GRAVURAS

FACHADA DA EXPOSIÇÃO DA AUSTRIA-HUNGRIA NA RUA DAS NAÇÕES

Esta fachada é de simples aspecto, não lhe faltando todavia nem grandeza, nem magestade. O seu architecto teve em vista não a architectura austro-hungara, mas o vestibulo d'um palacio de bellas artes. É com effeito ás artes que é consagrado este conjuncto de dois pavilhões quadrados unidos por uma galeria de nove arcos apoiados sobre uma columnada d'elegante estylo. D'estes dois pavilhões, o do sul encerra os escriptorios da commissão austriaca, o do norte os da commissão hungara. A ornamentação é phantasiosa e rica de festões e figuras alegoricas. D'um lado sob um alto poste fluctua o pavilhão austriaco, do outro o pavilhão hungaro. A individualidade hungara está como se vê, claramente indicada. A columnada sustenta um portico formando até certo ponto o vestibulo da exposição austro-hungara. N'este vestibulo estão expostas algumas estatuas: Miguel Angelo, Beethoven, Albert Durer, etc.

D'outro lado estão egualmente expostos os planos e as aguarelas de monumentos existentes ou projectados na Austria e na Hungria, entre as quaes uma vista de uma opera em projecto para a cidade de Buda-Peste, e a restauração do Castello do celebre hungaro João Hunyade, o legendario heroe, adversario infatigavel dos Turcos.

UMA BOA CARTADA

Este pequeno e gracioso quadro de Manuel Maria Bordallo Pinheiro, figurou na exposição de Paris, na secção portugueza de Bellas Artes. A simplicidade e a graça natural do assumpto dispensam comen-

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878
SECÇÃO PORTUGUEZA DE BELLAS ARTES



UMA BOA CARTADA — Quadro de M. M. Bordallo Pinheiro — (Desenho do mesmo auctor)

tarios. Observa-se ali o mesmo delicado toque, o mesmo esmero de execução que tantas vezes temos notado n'outras composições do notavel artista, um dos mais conscienciosos e dos que em Portugal mais se comprazem no estudo dos antigos estylos: é esta a sua qualidade mais saliente, e a que lhe constitue um lugar á parte no limitado mundo da arte nacional.

ULYSSES GRANT

Lisboa recebeu ha poucos dias a visita d'um dos homens mais celebres do nosso tempo, de Ulysses Grant, ex-presidente da republica americana, o afortunado homem de guerra, e o magnanimo homem de paz, que depois de ser um dos mais arrojados soldados dos tempos modernos, foi o estadista leal, por duas vezes chefe d'uma das mais poderosas nações do mundo, sempre executor fiel da lei, trazendo das sumidades do poder para a obscuridade da vida particular, a mesma simplicidade característica dos heroes antigos.

Grant, filho d'um simples industrial do estado de Ohio, nasceu em 27 de abril de 1822, matriculan-



ULYSSES GRANT, EX-PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS

do-se aos 17 annos d'idade na escola militar de West-Point. Em 1854 deixou o serviço militar para se pôr á frente d'uma fabrica fundada por seu pae. Entregou-se depois á agricultura estabelecendo-se como rendeiro no estado de Missouri, e até 1860 exerceu sempre estas occupações pacificas, que estão nas tradições americanas pelo exemplo de Wasingthon.

De repente quando estala a guerra entre os estados do norte e os do sul, Ulysses Grant, apparece-nos promovido a coronel do 21.º regimento e logo a brigadeiro dos voluntarios de Illinois. Depois de entrar em diversos combates conferem-lhe em fevereiro de 1862 o commando do exercito do oeste Tenesse. Toma então o forte Donalson e é nomeado major-general.

A sua fortuna começa aqui n'um *crescendo* rapido. Em abril de 1862, distingue-se na terrivel batalha de Pittsburg, e em dezembro do mesmo anno substitue o general Sherman no commando do exercito em frente de Wicksburgo, manifestando uma audacia e uma habilidade rara nos trabalhos d'investimento d'aquella formidavel praça, cortando pontes, viaductos, canaes, assenhoreando-se successivamente



O DOURO E SUAS MARGENS VISTO DO PONTO MAIS ALTO DA CIDADE DO PORTO

Gravura extrahida da Formosa Lusitania, edição da Livraria Portuense do sr. Manuel Malheiro

sei como não desmaiei de ventura com a noticia que tenho a dar-te em segredo, esposo da minha alma... n'esse momento mesmo sentia eu pular-me e remechar-me nas entranhas pela primeira vez o alvoroço da maternidade. Carlos, meu Carlos, adquiri finalmente a certeza de que dentro em poucos mezes, perante a graciosidade fagueira do teu innocente filho... ficarás tendo em que entreter as noites! Foi a Virgem que me ouviu e que nos salvou!

XAVIER DA CUNHA.

A FORMOSA LUSITANIA

No n.º 8 do OCCIDENTE referimo-nos já a um formoso livro escripto originariamente em inglez por uma viajante distincta, Lady Jackson e trasladado a portuguez, prefaciado e annotado por Camillo Castello Branco. Damos hoje reproduzida uma das vinte formosas gravuras que adornam essa bella obra em que o nosso paiz é tão lisonjeiramente tratado por uma elegante *touriste* que se enthusiasma a cada passo com as bellezas naturaes da nossa patria, com os nossos monumentos, e as nossas tradições.

A edição portugueza da *Formosa Lusitania* deve-se ao sr. Manuel Malheiro, proprietario da Livraria Portuense, que além de nos proporcionar a leitura d'um bello volume, sob o aspecto artistico e material, incumbiu a versão a um verdadeiro mestre da lingua, a Camillo Castello Branco, que ao mesmo tempo enriqueceu a obra com muitas notas elucidativas, quasi sempre graciosas e extremamente sensatas, servindo de correctivo a algumas ligeiras inexactidões de detalhe, que a auctora uma vez por outra commette na sua rapida passagem atravez das nossas cousas e dos nossos costumes.

A *Formosa Lusitania* pela justiça com que um elevado espirito estrangeiro aprecia as nossas cousas, pela elegante despretenção das suas observações e da sua critica, pelas excellentes gravuras no genero inglez, intercaladas nas suas paginas, é um bello livro digno de todos os que presam as boas letras.

A auctora percorre n'uma rapida visita o nosso paiz, desde o magestoso porto de Lisboa, até ás formosas veigas do Minho, tendo sempre uma observação justa para cada novo aspecto da paisagem, no meio da qual vão avultando successivamente, os monumentos e os principaes pontos pittorescos do nosso paiz, *Cintra*, *Collares*, o *Bussaco*, a *Batalha*, os *Jeronymos*, a *Torre de Belem*, o *Castello da Pena*, a *Barra de Lisboa*, o *Douro*, etc.

Parece-nos ter dito o sufficiente para despertar a curiosidade dos leitores, com relação a um livro a todos os respeitoz notavel, e dos mais elegantes que nos ultimos tempos teem saído das typographias portuguezas, e especialmente dos prelos portuenses, que podem competir com os estrangeiros na nitidez e perfeição dos seus productos.

O preço da obra em relação ao seu merecimento, é extremamente modico, 4\$000 réis, e o seu editor na rua do Almada no Porto, satisfaz promptamente quaesquer requisições.

CORRESPONDENCIAS

E AVISOS

Ao sr. correspondente alemtejano que nos escreve fazendo algumas observações sobre dois artigos publicados em dois dos nossos ultimos numeros, com relação a monumentos historicos, temos a observar que para fazer-mos chegar ao conhecimento dos nossos distinctos collaboradores a quem pertence a responsabilidade d'aquelles escriptos, as suas observações, será necessario que as faça segundo as praxes usuaes e separadamente, com relação a cada artigo.



MEDALHA CONFERIDA AOS EXPOSITORES NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878



ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Cada qual com seu equal.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA

6, Rua do Thesouro Velho, 6